

Livro do gentio e dos três sábios

Ramon Llull

Ignasi Moreta · Afreia Fando



Era uma vez um gentio, quer dizer, um homem que não praticava nenhuma religião. Era muito sábio mas não tinha nenhum conhecimento de Deus nem acreditava que houvesse alguma coisa depois da morte. Procurando remédio para a sua tristeza, dirigiu-se a um bosque cheio de fontes e de belas árvores de fruto.

Entretanto, três sábios encontraram-se à saída de uma cidade. Um era judeu, o outro cristão e o terceiro muçulmano. Ao verem-se, cumprimentaram-se, acolheram-se mutuamente e decidiram acompanhar-se. Cada um falava aos outros dois sobre a sua crença e os seus pensamentos, e falando, falando, chegaram ao bosque por onde andava o gentio...

Com o *Livro do gentio e dos três sábios*, Ramon Llull (1232-1316) oferece-nos uma surpreendente parábola inter-religiosa com um desenlace desconcertante



www.fragmenta.pt



Any
Lull
2015
2016

Com um guia de leitura para ir mais longe





Ramon Llull

Parece que nasci em Maiorca em 1232. Casei e tive dois filhos, mas deixei-os quando me apareceu Cristo crucificado. Desde então dediquei-me a aprender, a contemplar, a escrever e a viajar incessantemente. No meu tempo, toda a gente escrevia em latim, mas eu fi-lo também em catalão e em árabe (quando era novo, também em provençal!). Os eruditos dizem que escrevi 260 obras. Alguns chamam-me Ramon *lo Foll* (o Louco); outros, Doutor Iluminado. E quem sou eu para julgar se o que escrevi é obra da loucura ou é douta iluminação? Morri em 1316. A minha Arte perdurou no tempo.



Ignasi Moreta

Nasci em Barcelona em 1980. Estudei humanidades porque com este curso podia aproximar-me ao mesmo tempo da língua, da literatura, da história, da filosofia e da arte. Os meus interesses foram-se inclinando pela literatura e pelo pensamento, especialmente pela incidência que o fator religioso tem neles. Ensino literatura catalã na Universidade Pompeu Fabra. Em 2007, a Inês Castel-Branco e eu fundámos a Fragmenta, uma editora ao serviço de todos os que se questionam e que não excluem o contributo das espiritualidades e das religiões para procurarem respostas.

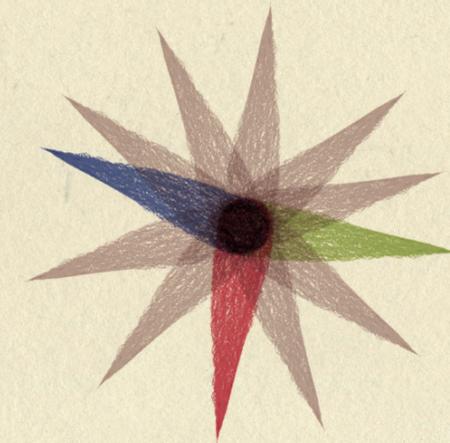


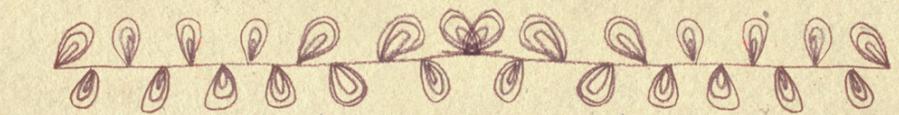
Àfrica Fanlo

Nasci em Barcelona em 1972. Estudei pintura e gravura em Belas-Artes. De seguida, comecei a trabalhar como ilustradora e desde então não parei de inventar mundos, publicar imensos livros e dar cursos e *workshops* relacionados com este tema que tanto me apaixona. Para além disso, fascina-me dar vida às minhas personagens através da animação. É por isso que agora combino a ilustração com a imagem em movimento na produtora *thetreeonthesea*. Ilustrei o álbum *Funâmbulus* (Fragmenta, 2015), com texto de Àlex Tovar.

Ramon Llull Livro do gentio e dos três sábios

Versão de Ignasi Moreta
Ilustrações de Àfrica Fanlo





Era uma vez um gentio, quer dizer, um homem que não praticava nenhuma religião. Era muito sábio mas não tinha nenhum conhecimento de Deus nem acreditava que houvesse alguma coisa depois da morte.

Um dia, esse homem começou a pensar na velhice, na morte e na perda dos prazeres deste mundo. Gostava muito da vida mundana, e pensar que a morte significaria o fim de tudo causava-lhe um enorme desconsolo.

Enquanto pensava nisso, os seus olhos encheram-se de lágrimas e o seu coração foi invadido por grande tristeza e dor.



Entretanto, três sábios encontraram-se à saída de uma cidade. Um era judeu, o outro cristão e o terceiro muçulmano. Ao verem-se, cumprimentaram-se, acolheram-se mutuamente e decidiram acompanhar-se. Cada um falava aos outros dois sobre a sua crença e os seus pensamentos, e falando, falando, chegaram ao bosque por onde andava o gentio.

Viram-no chegar com a sua farta barba e os seus longos cabelos. Vinha magro e pálido pelo trabalho dos seus pensamentos e pela longa viagem que fizera.

O gentio foi beber água da fonte e, quando se recuperou um pouco, cumprimentou os três sábios. Estes retribuíram o cumprimento e desejaram-lhe que o Deus da glória, pai e senhor de tudo o que existe, criador de todo o mundo e que ressuscitará bons e maus, o consolasse e ajudasse nos seus trabalhos.





Guia de leitura



Ramon Llull, filósofo, místico e visionário

Nascido em Maiorca por volta do ano 1232, filho de um cavaleiro catalão que tinha participado na conquista da ilha, Ramon Llull (foneticamente, em catalão, dois *ll* equivalem a *lh*), que em português também é conhecido como Raimundo Lúlio, é um filósofo, místico e visionário realmente singular. Casado e com filhos, a visão de Cristo crucificado levou-o a uma mudança radical de vida. Abandonou a sua família e dedicou nove anos ao estudo, durante os quais escreveu os seus primeiros livros. Autor de uma extensíssima obra em catalão, latim e árabe, será um viajante incansável pelo Mediterrâneo ao serviço dos seus projetos missionários. Num tempo em que a filosofia e a teologia se expressavam em latim, Llull ousou escrever em vernáculo, com o qual contribuiu decisivamente para a fixação do catalão como língua apta para o cultivo da literatura. Morreu a caminho da sua ilha natal em 1316.



Um livro do século XIII

Ramon Llull escreveu o *Livro do gentio e dos três sábios* por volta dos anos 1274-1276. Encontramo-nos, pois, com uma obra do século XIII que tem muitas coisas para nos dizer, leitores do século XXI... O que faz com que este livro nos continue a interessar mais de setecentos anos depois de ter sido escrito?

Para começar, os temas abordados: a diversidade de religiões, a contraposição entre a fé e a descrença, o diálogo inter-religioso, a existência de Deus, a vida depois da morte... Ramon Llull aborda uns assuntos que não são apenas de ontem, mas também de hoje. Porém, o mais interessante é a forma narrativa com que se abordam estas questões e, sobretudo, o desenlace final da narração.

Uma narração singular

Começamos pela forma narrativa. Antes da redação do *Livro do gentio e dos três sábios*, Llull tinha escrito sobretudo tratados teológicos e filosóficos. É com o *Livro do gentio e dos três sábios* que se abre claramente ao uso da ficção para abordar os seus temas, coisa que mais tarde continuará a fazer de maneira brilhante. Como diz o título, o *Livro do gentio e dos três sábios* põe em ação quatro personagens: três sábios pertencentes às tradições judaica, cristã e islâmica e um gentio. Se aplicássemos a figura do gentio às categorias de hoje, poderíamos dizer que equivale a uma espécie de agnóstico ou ateu, quer dizer, alguém que vive alheio ao mundo religioso, quer seja suspendendo o juízo (agnosticismo), quer seja negando claramente a existência da divindade (ateísmo). Do gentio, Llull diz-nos que é um grande sábio, especializado em filosofia, mas que desconhece a existência de Deus e está angustiado pela perspectiva da sua própria extinção com a morte. Neste contexto, os três sábios acodem oportunamente a oferecer-lhe o consolo da religião.

O gentio mostra-se totalmente aberto a ouvir aquilo que o mundo das religiões lhe oferece. Não nos encontramos, assim, diante de uma postura beligerantemente contrária ao universo religioso. Mais do que uma negação, parece haver desconhecimento. A situação é, obviamente, inverosímil, porque na Europa do século XIII não seria credível encontrar um especialista em filosofia que ignorasse a existência das religiões. Mas o *Livro do gentio* não pretende refletir a realidade da época, mas sim oferecer, a partir de uma trama argumental esquemática, um modelo de diálogo inter-religioso.

A verdade é que o consolo religioso que oferecem os três sábios não se articula através de um único sistema de crenças, senão que cada um deles defende uma doutrina religiosa particular: a do Judaísmo, a do Cristianismo e a do Islamismo. Há, então, três fés diferentes que competem para convencer o gentio. Cada um dos três sábios explica ao gentio os fundamentos da sua fé. Enquanto um fala, os outros ouvem respeitosamente.

Um desenlace surpreendente

A genialidade literária de Llull no *Livro do gentio* reside, sem dúvida, no final do diálogo com o gentio. Escutadas as apologias do Judaísmo, do Cristianismo e do Islamismo, o gentio dispõe-se a declarar de forma solene, e em presença de testemunhas, por qual religião optará. Antes, porém, que possa pronunciar o seu ditame, os três sábios retiram-se com respeito. Não querem saber qual é a sua escolha porque não querem renunciar a continuar a dialogar. O final «lógico» do livro, próprio de um apologista cristão como era Ramon Llull, teria sido a conversão clara e explícita do gentio ao cristianismo. No entanto, Llull renuncia a este final previsível e oferece um outro bem surpreendente que nos permite refletir sobre a convivência entre as religiões, a inadequação do conceito de *religião verdadeira*, a perspectiva de um horizonte ecuménico de entendimento entre os diversos credos, o papel da razão no diálogo inter-religioso, etc.



Um horizonte ecuménico



Depois de se terem despedido do gentio, os três sábios continuam o seu diálogo. Com uma extrema deferência de uns para com os outros (o texto realça que pedem perdão por alguma palavra que possa ter sido ofensiva), os três sábios chegam a um acordo para que este diálogo continue até ao momento em que os três se sintam dentro de uma mesma religião ou, como diz textualmente Llull, dentro de uma mesma «lei». Assim, aparece, em perspectiva, um horizonte no qual as crenças não serão um fator de desunião porque se terá encontrado uma linguagem comum.

Para ajudar a refletir

- Porque é que achas que a ação tem lugar no bosque, fora do âmbito da cidade? Será que a cultura (a civilização, a cidade) é o âmbito das diferenças e da divisão e a natureza o lugar da união e da comunhão?
 - Os três sábios pertencem a religiões diferentes, mas isso não os impede de se tornarem amigos e se ouvirem mutuamente com a máxima deferência. É essa a atitude habitual entre pessoas com convicções diferentes?
 - O gentio, personagem alheia às religiões, sente-se desesperado perante a perspectiva da morte e ouve com atenção a mensagem que lhe oferecem os sábios religiosos. Detetas na nossa sociedade esta atitude de escuta perante as mensagens procedentes dos universos religiosos?
 - O livro original inclui uma detalhada explicação dos artigos de fé do judaísmo, do cristianismo e do islamismo. Achas que é importante, no diálogo entre pessoas de diferentes religiões, o conhecimento profundo e rigoroso das crenças dos interlocutores?
 - Será a religião a única fonte de consolo diante da morte, como parece dar a entender Ramon Llull? Ou pensas que se pode encontrar consolo noutros âmbitos?
 - A diversidade de crenças existirá sempre ou achas que chegará um dia em que toda a Humanidade se sentirá sob uma mesma lei?
- 